

SONHOGRAFIAS DE AULA

Marina dos Reis

DOI: http://dx.doi.org/10.19179/2F2319-0868.709

REIS, Marina dos. Sonhografias de aula. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-17, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de junho de 2020.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 20
NÚMERO 41
ABRIL A JULHO DE 2020
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



(i)MEDIAÇÕES
jogo-mediador

SONHOGRAFIAS DE AULA

Marina dos Reis[1]

Resumo: Trata-se de um artigo de teor ensaístico, introdutório às sonhografias, uma maneira poética de traduzir e sentir o Arquivo da Educação como se fosse um sonho. Dessa escrita informe, a criação das Aulas-sonho desprende-se pela onirocrítica ou pelo labor onírico sobre as partes a-traduzir, intraduzíveis que afectam o corpo do docente. Apresentaremos alguns conceitos das Filosofias da Diferença, relativos à escrita e sonho, e uma sonhografia transcriada empiricamente pelo Método Sonhográfico, tomando como matéria de criação o Caderno de Notas 4, da Coleção Escrileituras.
Palavras-chave: Sonhografia; Aulas-Sonho; Educação.

LESSON DREAMING

Abstract: this ensaistic paper intents to introduce the sonhografy (dreamografy), a way of translate and feeling the teaching archive like a dream. In its no shape writing, the creation of Dream-Classes occurs through the onirocritic or by the dream-work on the untranslatable parts that affects the teacher's body. We will present some concepts of the philosophies of difference about dreaming and writing and one sonhography, empirically transcreated by the Sonhographic method. Having as a matter of creation, we taked the Caderno de Notas 4, from Coleção Escrileituras.
Key-words: Sonhografy; Dream-Classes; Education.

Encontro de símbolos

Como um sonho, começamos pelo meio. O meio de valores simbólicos, gestos singelos à vida que escreve, lê e poetiza-se. Na sonhografia, como texto que é além-símbolo, as palavras estão carregadas de potenciais imagéticos, os quais se sedimentam no corpo de quem as escreve, pela sua língua que cria uma realidade. O texto sonhográfico se torna uma membrana semipermeável entre o desejo da tradução e a palavra escrita, escritura pronta a receber a repetição da leitura e a ser sonhada no ritual tradutório da escrileitura.[2]

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[2] Também a tradução-transporte flusseriana: modos atentos de pensar pelas diferentes línguas, não é tradução cópia, mas fundo de aromas encarnados no núcleo vazio, o eu empírico da tradução que transcria-se em camadas ficcionais. Pensar impregnado da portuguezidade, por exemplo, é diferente de pensar em alemão. pois "ao intelecto só restaria o recurso de uma leitura alegórica" (MIGUEL JÚNIOR; CAPELA, 2016, p. 60-61).

REIS, Marina dos. Sonhografias de aula. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-17, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de junho de 2020.



Na sonhografia[3], o simbólico das imagens se desenrola em conceitos pela transcriação, a partir da dobra de um fora pensamental. Esse fora sonhográfico deseja pensar poeticamente a educação, elabora-se ao percorrer as linhas convidando o leitor a sonhar o que se lê, muitas vezes em sustos, e a pensar o que se sonha, a restaurar-se além da língua, na poética que se imagina.[4] A tradução sonhográfica, como manifestação empírica em filosofias da diferença, é contraparte amorfa e sombreada do intraduzível que toma para si, alquimizada pela elaboração artística de outras imagens que escapam pelo vão transcriativo do pensar o pensamento, pelo meio do processo da tessitura textual, como se fosse um sonho. Pois o sonho já é uma tradução, umaimagem desejante de ser lida, traduzida, narrada. A sua transcriação é imperfeita, portanto, língua poética, porque não é nem dos vivos e nem dos mortos. No sonho, os mortos por vezes nos falam a língua do silêncio ancestral.

Sonho e poesia são dotados de forças cujas origens estão muito próximas, se é que não a mesma, a umbilical onírica obscura subliminar: uma palavra de um poema ou um fragmento sonhado carregam toda a vontade do autor e de tudo aquilo que comungou, individual ou coletivamente, à sua criação. Todavia, na esteira da

[3] Sonhografia é a escrita com sonhos, tomados como matéria na educação, ou, ainda, é a maneira de tradução docente do arquivo da educação, este admitido como se fosse um sonho alheio. Assim, em sua transcriação, a sonhografia opera conceitos de labor onírico freudianos (FREUD, 2018; 1996; 1966), ou os exercícios de imaginação e de amplificação junguianos (JUNG, 1986; 1985; 1954) para preparar aulas, admitindo essas possibilidades inventivas nesta transcriação, mas não deixa de agregar a associação livre, com evocações da vida de quem sonhografa. Pelos aportes das Filosofias da Diferença, a educação se faz com o corpo todo, e pensamento e vida são inseparáveis.

[4]A imagem bidimensional produzida por humanos, na concepção de Flusser, segundo De Oliveira (2018, p. 53), "é uma bidimensionalidade representativa [...] [imagem tradicional], a qual se constituiu como o primeiro código comunicacional matérico" de "variadas facetas do que significa ser um código simbólico que funciona como medium entre ser humano e mundo." Já na complexidade da imagem técnica, ou imagem-texto, imaginam textos de cujas imagens o mundo é então imaginado. Na atualidade do frenesi das imagens de *updating*, da "dispersão concentrada" (TÜRCKE, 2010, p. 317), o pensamento está constantemente bombardeado por essa fluidez de imagens-texto, sem o tempo necessário de sedimentação de todo o susto simbólico que ali se manifesta. Para criar é preciso assustar o pensamento.

REIS, Marina dos. Sonhografias de aula. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-17, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de junho de 2020.

poética valéryana (Paul Valéry[5]), no caso da poesia como obra de arte, ela depende de um leitor (ou ouvinte) para completar seu ciclo de vida e morte. Já o sonho pode-se completar (vida e morte) no próprio indivíduo-poeta, o qual também perceberá essas frestas a-traduzir[6] de si, por interpretar-se incompletamente. Há necessidade da tradução do simbólico pela linguagem pois, quando promovido a uma interpretação social, o sonho vai depender de um leitor ou ouvinte para ressonar sua poética e criar novas perspectivas:

> Ele é [o poeta], no sentido mais profundo, um instrumento de sua obra, estando por isso abaixo dela. Não podemos esperar jamais que o poeta seja intérprete de sua própria obra. A interpretação deve ser deixada a outros ou ao futuro. Uma obra-prima é como um sonho que apesar de todas as suas evidências nunca se interpreta a si mesmo e também nunca é unívoco. (JUNG, 1985, p. 93).

Em ambos os casos de transcriação, as ressonâncias da matéria a-traduzir impactam processos de pensamentos, tanto do produtor (poeta/sonhador), quanto do consumidor (leitor/sonhador), pois "se a comunhão poética se realiza deveras, quero dizer, se o poema guarda intactos os seus poderes de revelação, e se o leitor penetra efetivamente em seu âmbito elétrico, produz uma recriação." (PAZ, 2015, p. 57) . Os conteúdos interpretados a partir do Arquivo[7] são recriados pelas pulsões de vida e de morte, as quais estão presentes na contradição dos movimentos oníricos, que se desdobram perspectivando o original.

[5] Em especial na obra: *Lições de Poética*. Trad. Pedro-Sette Câmara. Belo Horizonte: Ed. Âyiné, 2018. 88 p.

[6] A-traduzir: é o tipificador da tradução, aquilo que escapa da passagem comunicativa interlingual, ao mesmo tempo, é a ferramenta do tradutor que, na transcriação, transforma o simbolizante no simbolizado.

[7] Aberto e permeável, vivo como um sonho, o Arquivo da diferença torna-se repetível por interpretações que se tornam transcriações além-origem, também prontas a novas interpretações, a novos fôlegos perspectivos. O Arquivo desejado interpela-nos em suas projeções obscuras, pelo susto, pelo intraduzível e pela não-fixidez.

Da Filosofia de quem sonhografa

Vigia e vigília. Como um tipo de compensação, no sonho as pressões pulsionais do corpo realizam-se, elaboradas pelo deslocamento. Essa ficção já é existência, sem que seja necessária a realização desse desejo na vida vígil. O sonho no lugar do sonho, heterotopia do não-lugar, para onde nosso corpo deseja, e dorme porque também o corpo está e não está. O corpo é o centro do sonho, o corpo é a referência[8], por isso na teoria freudiana é do umbigo do sonho a origem obscura onírica, a mesma do pensamento.

Mesmo no estado de pensamento dito racional, quando passamos a limpo um texto, mesmo que tenhamos a pretensão de ser copistas, nosso espírito (intelecto) traz à tona imagens e palavras no aqui e agora, manifestações instantâneas que competem com o ato de escrever e rememorar. Ao contarmos ou narrarmos algo, traduzimos com outras palavras que surgem diante dessa pressão entre o que desejamos falar e o que se estabelece na atualidade da narrativa, assim somos tradutores daquele momento usando a máquina da linguagem. Mas há códigos inconscientes, sensações. lembranças, um deixar-se levar pelo corpo: a narrativa nasce em nova narrativa, imagens bricoladas aos perceptos do original.

O sonho elabora-se nessa semelhança com os processos mentais na vigília, então a criação da escrita pode ser pensada como trabalho de sonho. Denominaremos de crivossonho as pontas prolongadas pela perspectiva piramidal do docente, dos esquemas borrados do arquivo às imagens de aula, às sonhografias, um estilo.

[8] Esse corpo que nunca está, “meu corpo é o contrário de uma utopia, que é lugar fora de todos os lugares, mas é também um lugar onde terei um corpo sem corpo”. Ver: FOUCAULT, Michel. O corpo utópico. *In:* FOUCAULT, Michel. *El cuerpo utópico. Las heterotopías.* Trad. Cepat. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2010, 7 p. [1966]. Disponível em: <http://hipermedula.org/wp-content/uploads/2013/09/michel_foucault_heterotopias_y_cuerpo_utopico.pdf >. Acesso em 09. set. 2019.

A constância aparente da realidade performada de dados arrancados da Matéria dá ao mundo um estrato, uma língua, uma materialidade relativa, que nos envolve por nos reduzir a uma permanência. É preciso adivinhar, antes que tudo o que possamos fazer seja mesmo o sonhar de poetas, entender a própria destruição, liquefazer-se pelo próprio instante dessa possibilidade de anular-se, pelo meio de desejar alcançar uma relação entre inalcançáveis impossíveis, aqueles que as palavras invencionam.

A Matéria, pelo caleidoscópio das Filosofias da Diferença, é:

> tudo o que existe em extensão. Constitui o plano estratigráfico do caosmos, um plano extenso formado pelo conjunto de imagens que temos do mundo. O princípio da matéria é distensão. O movimento, força que lhe é intrínseca, prolonga-se no espaço. A matéria não tem representação, tudo o que se obtém dos corpos materiais são sensações, vibrações intensas provocadas pelas substâncias incorporais implicadas na matéria. (ZORDAN, 2019, p. 38).

Não há, portanto, rascunho na sonhográfica, há manchas, rasuras, traços indeléveis, restauro da lousa mágica, com seus riscos do estilo de sonho. O poeta, o positor é criador oniromante, a partir desses traços que o sobrepõem. Desse lado anverso de traduzir o impossível, o informe, essa emoção inconsistente e extensível, é ferido pela ranhura ínfima da tradução transcriativa. Informe que se extravasa dessa abertura microscópica no pensamento em sonho, para uma imensidão dolorosa, que nos afeta, congela-nos o corpo em momentos de sustos, como estátuas criadas em sequencias de clichês onirofílicos. A escrita poética é um dar nomes à dor.

A sonhografia é uma dobra orgânica na constância do atual, atua em rigor ao intelecto que pensa em consciência desperta, porém paradoxal, de dentro dos conceitos que se tecem nela, formando pré-filosofia, planos de escritura, uma rede que afirma sua vontade, então, a trama se desenvolve nesse organismo

No sono do arquivo, as vozes insistentes da ancestralidade, inventadas ou historicizadas, repousam nos chifres de manifestações da arte, ali ainda gritam nossos rituais. Aldeias e multidões percutem sob nossas peles, movimentam-nos a negar a territorialidade, uma promessa de nascimento que nos marca levemente ao longo da vida o que devemos sonhar e entender. Na crisálida sonhográfica, há uma ambição por eclodir, sempre e em ciclos, uma leveza inchada de lágrimas, devir-larvares que se descarregam no noturno em pulsão de voos, devires-levezas. Sonhografa-se no encontro com a madrugada do pensar, no meio desse silêncio impossível do *status* da palavra.

Que língua é essa que sonha aulas? O corpo é nosso primeiro território, e nele repousa a língua. Mas o corpo inteiro é um plano irrealizável na vigília: nunca está lá, mas também não está aqui. Dos corpos em poesia curricular, a Aula-sonho é o não-lugar desse encontro, cuja língua heterogênea não necessita de um suporte físico. Devir-*infans* no transindividual do sonho. A linguagem ainda não satisfaz o sonho. No sonho, as imagens nunca se apoiam, são letras deixadas para a consciência brincar com o inconsciente, para fazer o litoral da escritura, ao mesmo tempo em que o Si-mesmo recebe pistas do Eu onírico.

A tradução de uma paisagem onírica pela sonhografia deixa rastros de captura e reinvenção da origem do próprio sonho, pois ao docente, agora sonhografista, também se revelam outros signos e símbolos que povoarão a sua interpretação, sonhando-os novamente.

Devir-sesta e Imaginação

Sono, um porvir silencioso e surdo, imperativo de igualdades aparentes do dia que é traduzido diferentemente no sonho que o invade. Na vigília, traduzimos o que o espaço nos alega, mas no sonho temos de criar com aquilo que o tempo nos entrega. Os sonhos possuem o *punctum* do sono (no sentido barthesiano da

fotografia[9]), impressões ao corpo-sonhador da luta entre desejo e angústia, uma angústia aquática de umidade alquímica maléfica que se denrifica nos saltos que o pensamento desejoso dá, também para driblar o censor quando se manifesta nos sonhos. No sonho essa umidade má é evaporada, lentamente. Por isso, os sonhos nos contam muito, durante a vida inteira.

Nesse drama, as falhas das imagens, ou as suas negações, em relação à uma realidade do sonhador, são umbigos de sonho, a-formas da imaginação. Imaginar porque há o medo primordial, o medo da natureza-corpo. A partir desse ponto de *nigredo* do sonho, desse tubérculo de asfódelo, inventamos traduções da interpretação, roemos em ritmos irreais que ritualizamos interiormente uma raiz soporífera, somos o nosso verme obscuro. Não é possível sonhar sob uma luz extrema. O sonhografista poetiza as sombras e folhas variegadas em seu sonho noturno, para poder extrair sonhos diurnos do Arquivo.

Sonhar Aulas, porque a noite não é uma aberração do dia, mas preparo ao seu porvir. À noite, dissolvidos são nossos limites, o devir da imaginação — nesses corpos medrosos, humanos e amorosos — enrosca-se nos meandros das viabilizações cerebrais[10] que criamos em sonho, e temos aí os caminhos potenciais, as viações para uma transmutação poética. Como a videira que procura um anteparo, o sonho se expande pelo fototropismo onírico da imaginação. Espiralando-se, vive para projetar sua sombra de existência, ocupar-se de outras vidas, de predadores, de pragas, dar frutos que cumprem seus ciclos, extrapolar sobre seus suportes. O corpo é o suporte do sonho, em seu fundo falso.

---

[9] Entendido como aquilo que, na fotografia, Barthes intuiu a cada expectador da imagem fotográfica. O *punctum* afeta o olho e o corpo, sem pré-conhecimentos sobre o que a imagem significa, quais as intenções do fotógrafo ou o contexto. Em outras palavras, para Barthes: *studium* é campo codificado propositalmente pelo fotógrafo e *punctum*, o gozo da pulsão escópica, objeto parcial do desejo não-codificado, pelo espectador (AUMONT, 1995, p. 119-127).

[10] Acerca dos mapas mentais, viações e viabilizações cerebrais, na formação imagética, na consciência, bem como a surpreendente capacidade da repetição pela memória procedural, queiram ver: DAMÁSIO. António R. *E o cérebro criou o homem*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 2011. 439 p.

A vida conjura seus destinos ao cair ao solo, apodrecer, fermentar, voltar à terra e despertar no mesmo corpo. A mão do poeta pode traduzir outros destinos: a uva em vinho, e ainda sonhar dele a embriaguez da vinha em uma noite rasgada de lua repetida de sóis. O corpo nunca se emociona da mesma maneira, a vulgaridade de um abstracionismo negaria as rugas que marcam os caminhos sonhados, ou as promessas que vicejam em sonhos. No processo da repetição do sonho, vidas lúcidas múltiplas são esculpidas no espírito do sonhador, a cada vez, para que se afirme na vigília. Ao acordar e saber que sonhava, repete-se o medo de ter perdido a razão, aliviando-se pela rememoração da palavra, ou das palavras da interpretação que nasce no interstício entre a consciência desperta e a vontade do sonho.

O tipo sonhador

Há uma constelação de reversíveis poéticas no instante do sonho. Metido entre muitos iguais que se deixam consumir as mentes por vulgaridades que pesam e amortizam a vida, está o sonhador, um sujeito medroso que remoça sua própria feitura porque faz o caminho de volta ao susto. Repete ruídos numa tartamudez ao racional, é como uma interferência na transmissão normal. O sonhador incorpora na vida vígil de sua escritura os vultos que dramatizou sonhando. Sob suas sombras solitárias, agrega, conscientemente, as folhas de sua imaginação, para que a umidade noturna se desfaça. O sol onírico e o tempo ressecam esses materiais brutos, os saturam até que a mudança poética se destaca, nos respiros vaporosos dessa decomposição, trazendo massas informes repletas de vontades de tradução que brotam do corpo, prontas a aspergir sua poética em escrituras, desenhos, gritos, danças, Aulas-sonhos.

Na lentidão da escrita sonhográfica, o tecido noturno do Arquivo é viabilizado verticalmente pelo sono do tipo poeta, cujas possibilidades de a-traduzíveis de seus sonhos são instantificadas pela lucífera matriz que é resgatada: sabemos que o

Arquivo da Educação foi povoado por esses refúgios de pensamentos informes, a luz onírica consome essa realização da expectativa de possíveis vidas ancestrais ou virtuais. Desmancha-se a noite pelas expectativas de outras noites, atualizando o estado de sono, a vida e a morte, nesse espaço entre o ocaso e a aurora, Docente em devir-Xerazade. A imaginação sonhográfica nasce dessa profundidade encriptada de sub-realidades do sonho e do arquivo, existências que o sonhador destrói, interpreta e avalia enquanto cria, entregue à essa exclusão de formas. Há o intraduzível e, por isso mesmo, há esse existente inquietante.

Algumas advertências ao labor sonhográfico:

a) quanto mais demorar para anotar o sonho, tanto mais lógico ele será, e elementos da não-imagem podem ser censurados na hora da escrita;
b) uma vez mergulhado no aquático inconsciente, mesmo pela projeção consciente, mas também deixando-se sonhar, corre-se o risco de perder-se em meio a um cardume de tubarões, o bote da consciência não pode ser menosprezado, e a paixão do ego onírico deve ser constantemente analisada, numa topologia que avalia as calorias das pulsões do corpo que sonhografa;
c) o maravilhamento com o desmanche do artistador *bricoleur* no pensamento sonhográfico deve ser vertido em escrileituras e sonhografias, ritualisticamente, para não ter apenas uma enorme quantidade de restos da destruição, e esquecer-se do original;
d) considerar, ao sonhografar, não apenas a materialidade das imagens, mas as estruturas que as informam e enformam.

Sonhografia

A seguir, desejosos de resgatar o direito de sonheria docente e pela problematização ao pensar que possa engendrar, apresentamos uma sonhografia

artistada empiricamente pelo método sonhográfico, a partir do Arquivo da Educação. Como ponto zero de criação, ou seja, o umbigo sonhográfico, foi escolhido o Cadernos de Notas 4 da Coleção Escrileituras (UFRGS), intitulado Pedagogia da tradução: entre bio-oficinas de filosofia (DALAROSA, 2011).

O Repouso

Carmen olhava absorta os vapores da planície enquanto sentia o frio aguaçal que abraçava seus pés. Seria o fim de seu ofício e dessa podridão que lhe engrampava os olhos?

Suspirou sonhos expirados em vidros. Uma artesã, porque seu pai também fora artista de dar forma às areias. O suor — agregador das moléculas pesadas e arenosas — e o bafo do peito consolidavam-se em tortuosidades palpáveis. Sonhos opacos que ninguém sonha.

O espírito febricitante pôs-se a cismar se executaria ou não o planejado: afundar-se no açude. Qualquer coisa que emergia daquele lodo não retornava. Tudo dela se transformaria em matéria arenosa. Quiçá vitrificada, daqui há milênios, pelo assovio de alguma alma artistadora.

Era o fim e isso não lhe espantava. Esbanjou seus sentimentos, fez as vontades da volúpia, soube muito bem como lidar com os homens, os quais, sempre, sem dúvida, ao olhar pelo vítreo olhar que lhe encimava a cara, apaixonavam-se. Reiteravam tal impulso quando terminavam a incursão da mirada pelo corpo de Carmen, carregado de curvas abauladas, dando-lhe imensidão erótica e cujo desejo, quando recíproco, era consumado em passeios, bares, casas de azar, casamentos, quermesses, parques e veículos. Beijou as bocas que seu olhar conseguiu reter.

REIS, Marina dos. Sonhografias de aula. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-17, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de junho de 2020.

Mas agora é momento em que isso não importa. Acordou no dia em que, depois de retirar as grossas luvas que lhe protegiam na lida da forja, envelheceu. As mãos não tinham mais o descaso jovem, nem a homogeneidade de um jato de tinta e, por mais que não tivesse até então prestado atenção nelas, gritavam não ser de porcelana, como seu pai gostava de chamá-las. Mãos hábeis na manufatura, sugadas como frutos pelos amantes. Mãos que agora unia para fitar seu reflexo, com a honestidade que só se atinge com o devido tempo e a necessária dor, na bolha gigante, sua maior obra de arte, sua abóboda *Mundi Mundis*.

Um frasco enorme de laboratório onde prendeu todas as suas agonias. Afastou as mãos a distância dos braços e admitiu para si que murchava, inutilmente tentava controlar os pensamentos que ainda insistiam em negar-lhe a velhice. Voltava à terra, com as sombras na boca, com as pálpebras semicerradas, com as covas na testa. Despediu-se naquele instante da boneca frágil que aparentava ser desde que se forjou mulher.

A vida havia-lhe, finalmente, confiscado o direito de ser desejada e de desejar sexualmente, e Carmen percebeu à qual economia fora o seu investimento: dar vidros aos sussurros de sua criatividade e de seus sonhos, e satisfazer os desejos da volúpia. Não estava arrependida, em absoluto, tampouco em autocomiseração, mas, dali em diante a ideia de suicídio passaria a acompanhá-la.

Na mulher, a natureza parece sair do meio das pernas, do meio do peito, do meio da testa, a natureza, na mulher, quer explodi-la. Carmen sempre teve plena consciência dessa imanência latente e soube administrá-la. Acreditava na vontade de vida pelo desejo erótico e pela arte de fazer garrafas. Isso custou-lhe um afastamento daquilo que a norma define às ancas largas: filhos, casa e família jamais foram as suas aspirações. Como um vidro temperado, revestiu-se de coragem e solidão para resistir às intempéries da vida e seus desenganos. Ao



mesmo tempo, sentia-se frágil como os copos de bazar, e sentia-se cutucada, esmigalhada sob a própria pele: o hálito mágico voltou-se contra a feiticeira.

Mas até ali viveu alegre, a solidão e o isolamento eram-lhe caros, necessários até, para que pudesse sonhar sem ser interrompida por crianças esganiçadas de fome ou por um homem que roubaria sua criatividade por solicitar-lhe toda a encenação de amorosidades, de toques corporais, de práticas sexuais. Agora era a vez de viver em companhia de outra pessoa: a madura fruta a quem a vida lhe apresentava.

Ao tocar o horizonte o sol é engolido pela terra, e o calor é tomado pela sombra. Carmen ocupa-se em secar e limpar os pés, na barra do vestido, retirando-os lentamente do aguaceiro, um de cada vez, para demover deles a gosma verde que cheirava à morte.

Dentre a tempestade que bagunçava seus pensamentos, a decisão de imergir-se passou a agoniá-la. A noite contaminada por grilos e aquela água escura parecendo um enorme olho de boi que lhe solicitava a vida caminhavam em seu peito com a morosidade de um pesadelo: reluta um instante em dormir para sempre.

“Mas morrer é apenas deixar de ter sombra”, murmura para si. Ademais, pensou, nada, além de vidros, é o que somos, prontos a ser derretidos e transformados noutra coisa de vidro. Potência reconfigurada e transparente.

Ergue-se à beira do açude, fitando estrelas: “Sou um acúmulo orgânico de tantas eras, de tantos grãos, de tanta água e eletricidade, não há espaços aos arrependimentos nessa multidão que decidiu pelo informe, o não-lugar onde tudo se desfaz e refaz.”

A água engolfa a vida. Lembrou-se que na infância viu um cavalo ao entardecer, um potro que seu pai soltara porque julgou o animal esperto. Numa corrida feliz afundou-se no açude e não voltou. “É perfeito!”, exclama a si, “um

REIS, Marina dos. Sonhografias de aula. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-17, ano 20, nº 41, Abril/Junho de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 30 de junho de 2020.

sumidouro das horas e das dores do mundo". Ninguém volta para reclamar e passa a alimentar nuvens: o açude, matéria de sonhos. "Uma morte digna", arrematou.

Alívio ao corpo que, se esperasse pelo efeito do tempo e da medicina, passaria a um enrugado de retalhos entregue aos serviços da ciência. Roubariam o seu fôlego, dando-lhe em troca uma respiração artificial.

"A idade salga o sangue" — disse, e pulou.

Balouçou a superfície coloidal, a fagocitose bruta soltou apenas bolhas silenciosas. A noite curava-se pelo cricrilar ensurdecedor. A água volta a acomodar-se. Calma e tramada de sombras que brincavam ao sabor dos reflexos, dos quais podia-se distinguir uma lua cheia.

Conteúdo latente do Método

A sonhografia de Carmen, *O Repouso*, trata do fim da imaginação sonhográfica, já que o sonho é liberdade e morte. É personagem sonhada numa conversa diária da sonhografista com uma artista do vidro sob a perspectiva dos afectos da leitura do Caderno de Notas 4. Bio-sonhografia que a nós sopra sonhos de vida que já viveu seu orgânico especular. Uma transcriação a partir do arquivo texto-sensação, pois a língua de Carmen é o vidro, um estado líquido latente que a nossos olhos manifesta-se na frágil rigidez. Como a docência artista a areia, esse infinito microscópico quase transparente? A água, o Arquivo, é escura, estagnada, e brilha como um olho de boi. Espreita-nos a matéria e seus a-traduzíveis na frieza da noite, o arquivo quer nos engolir: é preciso ter coragem de atirar-se naquilo que desconhecemos. Como umbigo sonhográfico do Caderno de Notas 4, é uma sonhografia de experimentação transcriadora do cotidiano, um sonho cujas sensações estão "fora das imagens civilizadas" (DALAROSA, 2011, p. 44). Espaço mental às possibilidades de sensações que, por sua vez, querem extrapolam-se. A imaginação atuante é supérflua ao espírito.

Matéria: Bio-Oficinas: “afirmação do vitalismo” (DALAROSA, 2011, p. 10), traduções informes que transpassaram vidas e sentires, texto-sensação. Tradutora do pensamento da diferença. Segundo Dalarosa (2011, p. 13) as seis linhas de intensidade das bio-oficinas (filosofia, teatro, lógica, música, biografema, artes visuais) são ampliadas ou reinventadas numa cartografia intensiva; experimentação (potencial de aprendizagem) dos processos empíricos tradutórios.

Fragmentos a-traduzir: Conceitos lançados (sem bordas coincidentes), como os dados deleuzianos [mallarmeanos], narrando o acontecimento numa “língua escapista”, segundo Dalarosa (2011, p. 14-16), sendo o “conceito de texto como matéria de tradução, que reivindica o movimento tradutório do leitor-escritor, estabelecido na passagem de uma língua a outra” (DALAROSA, 2011, p. 26).

O Método Sonhográfico

É a maneira de acesso ao Arquivo para a extração de sonhos em educação. Uma perspectiva escrileitora tipológica e topológica que opera via empirismo, tradução de si e do mundo, pelo caleidoscópio da Filosofia da Diferença. As sonhografias são experiências de escrita via restauro ficcional associativo, que é, a longo prazo, processo de individuação. Para pensar a gênese do pensamento, há a necessidade de se pensar como um sonho. No processo de rememoração, tudo o que lembramos e julgamos tratar-se de ideias oníricas, mesmo que não seja por nós transmitido, é conceituado pelas vozes de nosso espírito (intelecto) nessa tradução, e isso já causa repetição de si no diferente, cada rememoração é uma reinvenção, um aprendizado, uma vivência estética.

No sonho sempre há um elemento que choca nosso pensamento, esse choque marca o salto da nova criação, da dobra do conceito. Aliando-se à avaliação consciente de interpretação da realidade, ao percorrer o caminho da gênese (*psychopompos*) inconsciente do sonho, as sonhografias contêm a fluidez de vida do

espírito que as produziu, bem como de todas as vidas resgatadas por essa escrita de feitiçaria, em magia manual, feminina, de resgate subliminar do pensamento. Caminho sonhográfico de retrocesso, rememorando-se até a origem, a qual desconhecemos.

O obscuro ego onírico de quem sonha figura-se em luz, mas o seu resgate se dá pela sombra consciente da tinta que sonhografa. Sonhografar é um tipo de vontade intempestiva que vibra o corpo intérprete a perspectivar suas ficções micro-históricas, cuja traduzibilidade valora-se qualitativamente, num jogo enigmático, vivo e diferencial, a ser maquinado poeticamente.

Quando traduzido pela sonhografia, o sonho de Arquivo atinge a função poética, pois perspectivas são deslocadas pela sensibilidade de um olho que não se apequena ao que vê, porque sonha. Admitido como poética da tradução autopoiética, o labor onírico estético sonhográfico emancipa-se da consciência como uma existência de inconsistência informe, desejosa pela de educação latente.

Referências:

AUMONT, Jacques. *A Imagem.* Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio Cesar Santoro. 2 a. ed. São Paulo: Papirus, 1995. 317 p.

DALAROSA, Patrícia Cardinale. *Caderno de Notas 4:* Pedagogia da tradução: entre bio-oficinas de filosofia. Coleção Escrileituras. 2011. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000820788&loc=2012&l=4662f0337a0a6035> . Acesso em 17. jun. 2019.

DE OLIVEIRA, Rachel Cecília. Pensar por imagens: Vilém Flusser e a construção do pensamento na atualidade. *Revista Sísifo*, v.1, n. 8, 2018. p. 51-60. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2018/11/pensar-por-imagens-vilem-flusser-e.html>. Acesso em 12. jun. 2019.

FREUD, Sigmund. Dream Psychology Psychoanalysis for Beginners. Trad. M. D. Eder. The Project Gutenberg: EBookk#15489. 2005. 237 p. Disponível em: < http://www.gutenberg.org/ebooks/15489 >. Acesso em: 1° dez. 2018.

_____, Sigmund. *A interpretação dos Sonhos* (I, 1900). Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Trad. (coord.) Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. IV, 363 p.

_____. *Los sueños.* Trad. Luis López-Ballesteros Y de Torres. Madri: Aliança Editorial. 1966. 96 p.

JUNG, Carl Gustav. Consideraciones generales sobre la psicología del sueño. In: JUNG, Carl Gustav. *Energetica psiquica y esencia del sueño.* Trad. Ludovico Rosenthal e Blas Sosa. Buenos Aires: Paidos, 1954. p. 108-163.

_____. O poeta [Psicologia e poesia, 1930]. In: JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Ruben Siqueira Branchi. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 88-93

_____. *Aión:* estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Trad. Pe. Dom Matheus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIGUEL JÚNIOR, Rafael; CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Entre língua e realidade: Vilém Flusser no reverso de uma urdidura estruturalista. *Revista Eco Pós.* V. 19, n. 1, 2016. p. 56-70. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2907> . Acesso em 12. jun. 2019.

PAZ, Octavio. A consagração do instante. In: PAZ, Octavio. *Signos em Rotação.* Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva. 4. ed. 2015. p. 51-62.

TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do Sonho.* Trad. Paulo Rodi Schneider. Ijuí: Unijuí, 2010, 318 p. [Coleção Filosofia, 36]

ZORDAN, Paola. Matérias. In: ZORDAN, Paola. *Gaia Educação*: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019. p. 33-38.